

A CONTRIBUIÇÃO DA ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA PARA A CONSTRUÇÃO DO TERMO LETRAMENTO CRÍTICO

Camila Miranda Machado

INTRODUÇÃO

A Análise do Discurso Crítica (ADC) se constitui como transdisciplinar, uma vez que possui, em sua abordagem teórica, uma forma de entender e organizar o conhecimento através da integração de saberes oriundos de diferentes perspectivas, havendo uma mútua colaboração entre esses saberes. Essa característica revela as múltiplas possibilidades de interlocução entre a ADC e diferentes áreas do conhecimento.

O objetivo deste trabalho, de cunho teórico, é favorecer a reflexão acerca da influência da ADC na construção do termo Letramento Crítico. Este ensaio apresenta-se dividido em três seções. Na primeira delas, abordo a origem da ADC, mostrando a influência da Ciência Social Crítica (CSC) e da Linguística Sistemática Funcional (LSF), além de conceituar discurso na concepção de Fairclough. Em seguida, enfoco o percurso histórico do termo letramento, dando ênfase ao letramento crítico e à contribuição da ADC para a reformulação desse termo. Por fim, apresento breves considerações finais.

1. ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: UMA VISÃO SOCIAL DO OUTRO

A análise de Discurso Crítica (ADC) se firma como área de estudos em meados da década de 1990, tendo como precursor o linguista britânico Norman Fairclough. Resende e Ramalho (2006) apontam que a ADC é considerada uma abordagem transdisciplinar, uma vez que utiliza outras teorias em favor de uma abordagem sociodiscursiva.

Resende (2006) menciona que, atualmente, os estudos discursivos têm recebido grande destaque em pesquisas de diversas áreas da Ciência Social contemporânea. Fairclough (2000) atribui esse interesse à teorização recente da modernidade em que centra o papel da linguagem na vida social moderna e, também, ao que o autor considera como uma “virada linguística na vida social recente”. Para o autor, a vida social é cada vez mais mediada por textos e o papel deles nesse contexto é cada vez mais evidente em todos os campos da vida humana, como a economia, a política e a cultura.

Porém, mesmo ajudando a eliminar a questão de como a linguagem alcança maior visibilidade nas práticas sociais, e, assim, destacando a importância dessas reflexões do discurso na sociedade, essas pesquisas não apontam investigações empíricas dos modos como essa relação discurso/sociedade se

efetivam na prática social, dando apenas um viés descritivo por categorias de análise ora linguística, ora da sociologia. (CHOULIARAKI, 2005 *apud* RESENDE 2006).

Resende (2006) nos explica que, à vista disso, a ADC traz um olhar diferenciado, uma vez que, além de apresentar um corpo teórico da linguagem na modernidade, dada a influência da ciência social crítica, traz um foco mais específico nos modos como a linguagem se apresenta na vida social. A ADC exhibe vários métodos empíricos, compreendendo o texto em um sentido amplo: escrito, visual e oral como unidade mínima de análise. Trazendo, assim, uma conexão entre a ADC e a Linguística Sistêmica Funcional (LSF) e a Ciência Social Crítica (CSC), cada qual trazendo aportes na contribuição das discursões relacionadas aos problemas sociais parcialmente discursivos.

Resende e Ramalho (2006) apontam Michael A. K. Halliday como um importante nome para o desenvolvimento da LSF, o qual apresenta a linguagem como um sistema aberto, que concebe os textos não só como estruturados no sistema, mas, também, potencialmente inovadores. Destinando ao texto uma capacidade ilimitada de construir significados, estando aberto a mudanças socialmente orientadas.

Ainda sob a perspectiva de Halliday, esse assinala três macrofunções que atuam, concomitantemente, nos textos, quais sejam a ideacional, a interpessoal e a textual. A ideacional desempenha a função de representação de experiência, como modo de refletir a "realidade" na língua. A interpessoal trata do significado do ponto de vista de sua função no processo de interação social da língua como ação. E a terceira trata de aspectos semânticos, gramaticais, estruturais, os quais devem ser analisados, no texto, com vistas ao fator funcional, bem como é responsável por organizar, estruturalmente, as outras funções de modo que a mensagem seja reconhecida pelo receptor. Todas essas funções são inter-relacionadas e os textos devem ser analisados sob cada um desses aspectos. Sendo assim, os enunciados são considerados multifuncionais em sua totalidade, ou seja, serve, simultaneamente, a diversas funções.

Fairclough, por sua vez, apropria-se da LSF e traz alterações, em alguns traços da teoria, de acordo com seus objetivos analíticos. Inicialmente, ele sugere a ruptura interpessoal em duas funções separadas: a função identitária e a função relacional. A primeira está relacionada aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso e a função relacional trata como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas. Tais alterações, na teoria, deram-se, segundo Fairclough, por entender a importância do discurso na constituição, reprodução, contestação e reestruturação de identidades, o que não é entendida pelas funções tais como apresentadas por Halliday. Vale ressaltar que, embora a análise linguística em ADC baseie-se na LSF, as relações entre as duas disciplinas ainda são limitadas, tendo em vista o potencial do diálogo que poderiam estabelecer.

Tratando da Ciência Social Crítica (CSC), sua contribuição para a ADC está na compreensão da vida social como constituída de práticas e redes práticas. Todas elas compostas por elementos que se articulam e não são reduzidas umas às outras.

Esse aspecto da vida social é recontextualizada do Realismo Crítico de Bahskar, que considera a vida (social e natural) um sistema aberto, constituído por várias dimensões – física, química, biológica, psicológica, econômica, social,

semiótica – com suas próprias estruturas distintivas, seus mecanismos particulares e seu poder gerativo.

Resende e Ramalho (2006) evidenciam que Fairclough, usando as contribuições das duas abordagens acima, traz uma visão diferenciada de discurso. Saussure concebe a fala como uma atividade individual e que cabe à língua o caráter sistêmico e social. Porém, essa posição foi criticada, posteriormente, pelos sociolinguistas que consideram o uso da linguagem moldado socialmente e não individualmente. Além de considerarem que a variação no uso da linguagem é sistêmica e acessível ao estudo científico.

Fairclough (2001), ao usar o termo “discurso”, propõe o uso da linguagem como forma de prática social e constituída de identidades sociais e não como atividade puramente individual ou reflexa de variáveis situacionais, ou seja, o discurso é moldado pela estrutura social.

Com isso, vários pressupostos surgem: 1º) discurso como modo de ação, uma forma como as pessoas podem atuar sobre o mundo e, especialmente, sobre os outros; e 2º) implica em uma relação dialética entre discursos e a estrutura social.

2. LETRAMENTO: UM TERMO HETEROGÊNEO

O termo Letramento é considerado multifacetado, pois, com a inclusão de diversos aportes, esse vem sofrendo uma contínua reformulação de seu objeto e de seus limites. Não há, portanto, uma definição única para o termo letramento, a qual passeia pela “decifração” elementar da informação da escrita para um leque de habilidades e competências mais complexas. (LOSADALE E MCCURRY, 2004 *apud* PAULINO E COSSON 2009).

Paulino e Cosson (1999) esclarecem que o termo letramento traz, ao menos, duas vertentes que correspondem a momentos históricos distintos. A primeira trata do termo *literacy*, de origem inglesa, a qual considera letramento como tecnologia, designando, então, a habilidade de ler e escrever, além de possuir um caráter, puramente, individual; o que, nesse momento, alcança os objetivos da alfabetização. Emergindo tanto no ambiente escolar como, também, na abordagem de culturas ágrafas ou culturas da oralidade.

Já a segunda vertente, surge entre as décadas de 1970 e 1980 com o *New Literacy Studies*. Street (1984, *apud* PAULINO E COSSON 2009) considera letramento segundo duas concepções: o autônomo e o ideológico. A primeira trata, basicamente, das habilidades individuais do sujeito, não levando em consideração aspectos culturais e ideológicos, estando ligada, sobretudo, a habilidades técnicas e neutras. A segunda, por sua vez, trata o letramento como prática social e, culturalmente, determinada. Vale ressaltar que o modelo ideológico envolve características do modelo autônomo, porém, é mais amplo, uma vez que práticas sociais letradas são determinadas por características sócio-históricas próprias do período e do local que ocorrem. A partir dessa segunda vertente, fica claro que o termo letramento já não pode ser usado no singular, mas sim no plural, pois existem tantos letramentos quantas forem as práticas sociais.

Soares (1999) também nos apresenta o termo letramento e o divide em duas dimensões. A individual está relacionada à alfabetização: nesse contexto, a preocupação centra-se na decodificação de palavras e o domínio do código linguístico e, assim, concebe como letrado o indivíduo que sabe ler e escrever. Já a

dimensão social, trata do fenômeno cultural e um conjunto de práticas sociais em que a língua e a escrita estão inseridas. "O letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais" (SOARES, 1999, P. 72).

Kleiman (1995, p. 18-19) também traz sua contribuição para a definição de letramento.

Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos [...]. As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não-alfabetizado, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática – de fato, dominante – que desenvolve alguns tipos de habilidades mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita.

Observamos, então, que o conceito de letramento é complexo e não se limita a uma habilidade (ou conjunto de habilidades) ou uma competência do indivíduo que lê. Envolve múltiplas capacidades e conhecimentos que podem ou não estar relacionadas ao ambiente escolar. Entre os letramentos, destacaremos, em nosso trabalho, o letramento crítico.

O termo crítico está presente em vários estudos nas últimas décadas. Cassany e Castellà (2010) destacam a participação do termo na educação, na didática da língua, na filosofia, nos estudos culturais e nas ciências da linguagem, essa última como destaque em nosso trabalho. Os autores afirmam que seu conceito atual está, diretamente, ligado aos estudiosos da Escola de Frankfurt a partir da década de 20, os quais tinham a finalidade de romper com a filosofia tradicional por meio de uma nova forma de pensar.

O termo crítico foi aplicado ao campo da educação através de Paulo Freire (1987), em sua obra "Pedagogia do Oprimido". Nela, o autor tece críticas à "educação bancária" que seria um processo de aprendizagem em que o estudante é apenas um sujeito passivo na sala de aula. O professor, por sua vez, "depositava" na mente do aluno o conhecimento sem que o conhecimento e a experiência prévia do aluno fossem levados em consideração.

Esse grande educador defende, ainda, que o ato de ler não está somente relacionado com a decodificação de palavras, mas sim com o sentido de entendimento de um todo, em que cada leitor capta o que o texto está passando de acordo com seu nível de conhecimento e convivência cultural. Ou seja, a leitura crítica nos permite a interpretação e a reescrita do que lemos e, assim, a transformação da realidade ao nosso redor. Dando à educação papel humanitária e libertadora.

Cassany e Castellà (2010) nos apresentam o papel da Análise do Discurso Crítico na construção do termo letramento crítico, uma vez que, como vimos em na seção acima, seus estudos estão diretamente relacionados às práticas sociais e

discursivas e graças à metodologia da ADC, que concebe a linguagem como prática social, além de levar em consideração o uso da linguagem nas relações de poder, essa foi influência em várias áreas do saber.

Do ponto de vista da concepção, na ADC atribuímos ao discurso o papel de prática ideológica e, assim, são estruturadas as relações de poder na sociedade, podendo manter ou transformar as relações sociais. Conforme cita Heberle (2000, p. 291 *apud* OLIVEIRA 2011):

Em estudos de ACD há a preocupação com a desconstrução ideológica dos textos, com as relações complexas entre texto, conversa, cognição social, poder, sociedade e cultura [...]. Consideram-se aspectos sócio-culturais que vão além de estudos tradicionais de descrição e explicação de elementos linguísticos, mostrando como o discurso reforça e ao mesmo tempo é reforçado pelo 'status quo', pela estrutura social.

Entendemos que os eventos de letramento devem ser vistos como discurso e, de modo consequente, práticas sociais, ligadas a relações de ideologia e de poder, concebendo novos sentidos de mudança para as relações das identidades.

Conforme observamos nas definições de letramento proposto por Street (1984), letramento é visto como uma prática social e, portanto, concepções de leitura e escrita alcançado por uma coletividade. Letramento é compreendido por meio da concepção autônoma e ideológica, como mencionada anteriormente. Kleiman (1995, p. 20-1) discorre as seguintes observações sobre o modelo autônomo:

As práticas de uso da escrita na escola – aliás, práticas que subjazem à concepção de letramento dominante na sociedade – sustentam-se num modelo de letramento que é por muitos pesquisadores considerado tanto parcial como equivocado. Essa é a concepção de letramento denominada por Street (1984) de modelo autônomo. Essa concepção pressupõe que há apenas uma maneira de o letramento ser desenvolvido, sendo que essa forma está associada quase que causalmente com o progresso, a civilização, a mobilidade social. [...] esse é o modelo que hoje em dia é prevalente na nossa sociedade e que se reproduz, sem grandes alterações, desde o século passado, quando dos primeiros movimentos de educação em massa.

Observamos que o modelo autônomo limita-se ao ambiente escolar, não levando em consideração a vida social do sujeito, ou seja, esse não existe socialmente, além de limitá-lo, cognitivamente, na leitura do texto. Não tendo em vista o que está relacionado à sua existência como social.

Já o modelo ideológico, mostra a importância do fator social e cita que o letramento depende da sociedade e das ideologias por ela ligadas. Nesse cenário, Meurer (2005, p. 106 *apud* OLIVEIRA 2011) promove o uso do letramento Crítico no ambiente escolar.

Incorporando princípios e métodos desenvolvidos na ACD, pesquisadores[as], professores[as] e alunos[as] terão bases bastante sólidas para ultrapassar preocupações com sequências e outros elementos linguístico-textuais que compõem determinado gênero textual, examinando-o também como prática discursiva e prática social [...].

Isso posto, observamos que a Análise do Discurso Crítica apresenta, em grande medida, sua participação no termo Letramento Crítico, uma vez que carrega, em sua teoria e metodologia, aspectos vinculados ao contexto sociocultural, colaborando, assim, para a formação de um indivíduo crítico.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ensaio, buscamos expor uma reflexão sobre a importância da Análise do Discurso Crítica para a construção do termo letramento crítico. Os estudos da ADC possuem como objetivos trazer reflexões sobre os aspectos discursivos da mudança social. Dessa maneira, o discurso é tido como componente do mundo social e um importante aliado de dominação e mudança. Como vimos acima, a ADC é fruto da influência de várias disciplinas, o que a fez mesclar e inovar em sua base teórica e metodologia e tornou seus estudos mais amplos e a permitiu trazer contribuições para estudos de outras áreas dos saberes.

Isto posto, a ADC colaborou na construção do termo letramento, como vimos, o processo de letramento está muito além do conhecimento técnico do código linguístico, sendo este apenas um degrau entre tantos outros a serem alcançados. O termo letramento passou por diversas reformulações e, atualmente, o destaque está na apropriação da leitura e da escrita de forma crítica, dando importância ao discurso como prática social e permitindo ao sujeito a possibilidade de mudar a realidade ao seu redor.

REFERÊNCIAS

- CASSANY, D.; CASTELLÀ, J. *Aproximación a la literacidad crítica. Dossiê: Letramentos em Contextos Educativos*, vol. 28, n. 2, p. 353-374, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/rt/metadata/19953/0>
Acesso em: 20 de junho de 2018.
- FAIRCLOUGH, N. A Teoria social do discurso In: _____ *Discurso e mudança social*. Coord. trad. rev. técnica e pref. I. Magalhães. Brasília: Editora. I. Magalhães. Brasília: Editora. Universidade de Brasília, 2001. (Capítulo 3)
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- KLEIMAN, A. B. *Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola*. In: _____. (org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, Mercado das Letras, 1995.
- OLIVEIRA, Derli Machado de. *Análise crítica do discurso e letramento crítico critical*. Disponível em:

file:///C:/Users/camil/Desktop/letramento%20crítico%20e%20adc.pdf

Acesso em: 20 de junho de 2018

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. **Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola.** In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Orgs.). Escola e leitura: velha crise; novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

RESENDE, V. M. 2006. *Análise de Discurso Crítica: Uma perspectiva transdisciplinar entre a linguística sistêmica funcional e a ciência social crítica.* Universidade de Brasília. Publicada em 33rd International Systemic Functional Congress. Disponível em:

http://www4.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/53cda_resende_1069a1081.pdf

Acesso em: 20 de julho de 2018

RESENDE, V. M. & V. C. S. RAMALHO. *Análise de Discurso Crítica.* São Paulo: Contexto. 2006

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros.* São Paulo: Autêntica. 1999

STREET, V. B. *Literacy in theory and practice.* Cambridge: Cambridge University Press, 1984.